



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MEILY ASSBÚ LINHALES

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-498

Entrevistada: Meily Assbú Linhales

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 19/11/14

Transcrição: Giovanna Furtado

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora, 22 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 24 páginas

Observações:

Esta entrevista foi realizada na semana seguinte à realização do Seminário do CEMEF, evento realizado pelo CEMEF que contou com forte envolvimento dos professores deste centro. Além disso, na semana também ocorria outro evento do CEMEF que foi um curso. Em função disso essa entrevista foi realizada em duas seções.

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais; Coordenação do CEMEF; Situação dos acervos no momento de sua chegada; Etapas de organização do acervo institucional; Objetos Tridimensionais catalogados; Política de acervos; Índices e inventários; Relação entre Ciências da informação e o CEMEF; Projetos de apoio financeiro; Apoio da universidade; Trabalho cotidiano no CEMEF; Recrutamento dos bolsistas; Relação das atividades de ensino e o CEMEF; Atividades de extensão; Exposições; Pesquisa; Pessoas que se envolvem em outras atividades além das pesquisas; Temática das pesquisas; Autores e referenciais; Fontes orais; Meios de divulgação científica, Definição do CEMEF; Papel do CEMEF na sua trajetória; Registro final da entrevistada.

Porto Alegre, 18 de novembro de 2014. Entrevista com Meily Assbú Linhales a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Meily, muito obrigada, eu sei que está uma semana muito difícil, agradeço essa disponibilidade, eu queria que você começasse contando como e por que você se envolveu com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, o CEMEF?

M.L. – Quando eu vim para a Escola de Educação Física¹, o meu concurso foi para a área da Educação Física escolar e eu trabalhava efetivamente com a área da Educação Física escolar. Eu tinha projetos de pesquisa relacionados à escolarização do esporte no tempo presente, estudos relacionados ao brincar e aos jogos, porque tem outro laboratório que é o PROEF, Centro de Estudos da Educação Física Escolar. Eu estava no PROEF quando comecei a desenhar meu projeto para o doutorado. Ao desenhar um projeto para investigar a escolarização do esporte a partir da ABE² nos anos 1920, 1930, eu acho que foi aí, com a minha tese, que eu fiz uma imersão no campo da história da educação e da história. Quando eu voltei do doutorado, eu voltei³ coordenando o núcleo da Rede Cedes³, aqui da faculdade, mas ainda naquele momento eu tinha uma vinculação com outro subitem do núcleo que eram o das políticas públicas. Em função do meu mestrado, eu tinha um envolvimento grande com as políticas públicas. Então, no núcleo da Rede Cedes, eu trabalhei até mais no grupo das políticas do que no grupo do CEMEF. Mas, findo esse processo, eu me envolvi com outros projetos do CEMEF, especialmente projetos da história oral, memória de esportes, e comecei a delinear um fazer dentro do CEMEF. Desde então, até do ponto de vista institucional, eu fui migrando gradativamente as minhas atividades, as minhas disciplinas da graduação da área da Educação Física escolar para a área que a gente chama aqui de fundamentos sócio-históricos. Eu me envolvi muito com o processo de organização de acervos, porque fiquei responsável por um projeto coletivo que era dedicado à organização do acervo institucional. Para coordenar esse projeto, eu pedi a colaboração do Adalson Nascimento e essa parceria com o Adalson foi fazendo com

¹ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Associação Brasileira de Educação.

³ Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

que eu me envolvesse cada vez mais nos estudos relativos aos arquivos, entende? E fui ficando, agora não saio mais!

C.M. – Você coordenou em algum momento o CEMEF?

M.L. – Sim.

C.M. – E como foi essa coordenação?

M.L. – Eu não vou saber te dizer de tanto a tanto, mas desde 2007 eu e o Tatá⁴ estamos revezando na coordenação do Centro. Aliás, desde 2007 eu estou na coordenação do centro, eu saí para o meu pós-doutorado e o Tatá assumiu, quando eu voltei, a Cristina⁵ já estava aqui, já tinha chegado para ser professora conosco. A Cristina assumiu a coordenação geral e eu fui para a Coordenação de Acervos, me sinto responsável, sozinha ou com os colegas, me sinto responsável pela coordenação do trabalho, principalmente do trabalho com os acervos.

C.M. – Quando você chegou no CEMEF qual era a situação que estavam os acervos?

M.L. – Havia um processo de recolhimento que hoje a gente chama de um recolhimento muito romântico, todo mundo que chegava e dizia para o Tatá que tinha alguma coisa, ele dizia: “Leva pro CEMEF”. A gente sabia que tinha acervo que era institucional e sabia que tinha acervo que era de ex-professores, eram essas as duas diferenciações. Tinha uma produção de acervos que era o projeto história oral, que a gente tinha também. Mas começou a me incomodar essa coisa meio voluntarista, meio amadora, de tudo recolher, eu me incomodava com isso na medida em que eu não conseguia construir uma lógica para organização desses acervos, dava sempre uma impressão que estava tudo improvisado. Eu te diria que, quando cheguei em 2007 o que tinha era um recolhimento romântico, selvagem. Agravado, por um outro aspecto que eram os interesses de pesquisa, tinha já algumas pessoas fazendo estudos monográficos e as pessoas remexiam os acervos e, nesse remexer de acervos, eles se misturavam. Eu tinha uma sensação de que os arquivos que

⁴ Tarcísio Mauro Vago.

⁵ Maria Cristina da Rosa.

não poderiam ser misturados estavam sendo misturados, me incomodava profundamente. Além, de uma lógica que era uma lógica de classificação, por tipos documentais, separava, independente de onde era, separava livros de ata, separava de fotografias, separa de cadernos, de provas, separava tipos e suporte, isso comprometendo a ordem original de algumas coleções. Isso tudo para mim era objeto de preocupação, porque eu já estava lendo, estudando muita coisa relacionada à Arquivologia e compreendendo, não só compreendendo, mas me convencendo de que o respeito aos fundos e ao princípio da ordem original eram coisas das quais a gente não poderia abrir mão, sob o risco de embaralhar algumas fontes, algumas informações, inclusive para a pesquisa histórica. Diante disso eu me tornei um pouco vigilante do processo de organização dos arquivos e tomamos a decisão de começar pelos arquivos institucionais, outros colegas assumiram outros arquivos e, assim, a gente foi tentando fazer essa primeira fase do trabalho que almejava produzir o primeiro guia de fontes, e tirar o CEMEF desse lugar, de um recolhimento sem critérios.

C.M. – Depois dessa organização, vocês concluíram a organização do acervo institucional? Depois, quais foram as etapas até hoje?

M.L.– O instrumento que a gente produziu foi um guia de fontes, se eu não me engano ele é de 2007. O Primeiro guia de fontes do CEMEF, organizado por mim e pela Cristina, que não era professora aqui, era professora da UFOP⁶, mas trabalhava conosco. Eu e a Cristina coordenamos a elaboração desse primeiro guia de fontes, que foi alvo de reflexão e crítica depois que o Adalson chegou e a gente começou a reconstruir possibilidades. Depois, findo o trabalho dos fundos institucionais, foi aquele momento da produção do livro⁷, a gente produziu o livro, mas no livro... Só um minuto que eu vou pegar [a professora pega e mostra o livro]. No livro a linha de acervos ainda está numa situação que eu considero intermediária: arquivos pessoais, fundos institucionais, biblioteca, isso não mudou, a coleção história oral, e o que a gente chamou de: outras coleções. Essas outras coleções, elas incluíam, por exemplo, o que a gente chamava de coleção iconográfica, coleção audiovisual e coleção tridimensional, isso aqui mudou. Desse momento aqui, 2013, para esse aqui, 2014, que é o momento do documento da política de acervo [professora mostra o

⁶ Universidade Federal de Ouro Preto.

documento de política do CEMEF], esse aqui já é fruto de minhas reflexões no pós-doutorado, levando minhas questões de pesquisa para discutir com a Luciana Heymann. Ela colocava questões que me provocava a pensar alguns equívocos do nosso arranjo. Acho que é um momento, eu entendo assim, é uma fase, um estágio, e ele foi absolutamente necessário, assim como o anterior, do guia de fontes, também foi. Mas hoje a gente está estruturando o trabalho a partir daqui [professora mostra o documento de política do CEMEF], pela primeira vez a gente estabeleceu procedimentos de recolhimento, procedimentos de descarte, a partir da política, era uma urgência, uma necessidade. A gente pode dizer com mais tranquilidade o que o CEMEF recolhe e o que o CEMEF não recolhe, porque não recolhe. A questão não é porque a Meily não quer, porque a Cristina não quer, é porque a gente precisa zelar pela linha de acervos que, nesse momento, a gente considera que é a mais importante para o Centro. E que é do tamanho das nossas pernas, não adianta a gente querer recolher tudo o que aparece, se a gente não tem condições internas de fazer todo o ciclo de tratamento dos documentos. Acho que em termos de fases, ciclos, eu diria que é isso. O que se tem de ajuste? A documentação iconográfica, audiovisual e tridimensional, ela é toda da Escola de Educação Física, não veio nada de fora, então nós vamos inserir tudo isso nos fundos institucionais: parte das ações de gestão, parte das ações de ensino, parte das ações de pesquisa. Tudo organizado em coerência com os quadros de arranjo dos dois fundos. Os arquivos pessoais, eles chamam agora arquivos pessoais de professores, e nós só vamos receber os arquivos pessoais dos ex-professores dessa Escola. Também entendemos que a gente tem que começar a fazer a memória do próprio CEMEF, criamos o arquivo do CEMEF e vamos começar a organizar, bem organizado, isso está muito disperso por problemas de gestão de secretaria. Queremos começar a organizar a memória dos nossos projetos de pesquisa, dos nossos projetos de extensão, dos nossos seminários. E a biblioteca que se mantém nos termos que você conhece, tudo inserido na base Pergamum⁸, mas fisicamente está aqui conosco. Temos também a coleção história oral e, por fim, a gente criou uma coleção que se chama coleção de documentos avulsos. A ideia não é ir expandindo essa coleção não. Mas onde abrigar algumas coisas que a gente recebeu, que tem um valor histórico inestimável, e que não faz sentido ser excluído da linha de acervos do Centro. Por

⁷ Livro “Organizando Arquivos, Produzindo Nexos”, organizado por Meily Assbú Linhales e Adalson Nascimento, publicado em 2013 pela Editora Fino Traço.

⁸ Base de dados das bibliotecas da UFMG.

exemplo: o Lino⁹ nos mandou os manuscritos da “Educação Física no Brasil: a história que não se conta”, manuscrito [ênfase], o Lino escreveu a dissertação dele a mão, nós temos o manuscrito. Isto tem um valor histórico grande! Ficamos tão felizes quando ele confiou na gente para guardar, que ele mandou posteriormente as fitas das entrevistas realizadas por ele para o mestrado. Então, por exemplo, tem uma pequena coleção que chama “Educação Física no Brasil: a história que não se conta” que é pequenininha, mas tem um grande valor histórico. Os documentos do professor Adolfo Guilherme, esses manuscritos que estão na exposição, eles foram achados perdidos numa gavetas de outro professor que havia ficado com esse material. Não é acervo institucional, não é arquivo de professor, porque é uma pastinha, mas o valor histórico desses desenhos que você viu aí na exposição¹⁰ ... Ele é um documento avulso na coleção. O Professor Joélcio Fernandes¹¹ nos doou uma película 16mm com filmes da “Campanha de Esclarecimento Esportivo”, todos os filmes da época da ditadura, valor histórico também, não posso misturar com arquivo audiovisual, mas eu tenho que guardar esse filme, entendeu? Então essa coleção, ela vai cumprir um pouco esse lugar, para a gente não ser tão radical a ponto de desprezar o recolhimento de algo importante. Constituída a linha de acervo, junto a gente constituiu uma comissão que se chama oficialmente: Comissão Técnica de Acervo. Essa comissão técnica de acervo é que vai avaliar o mérito de todos esses procedimentos de recolhimento e, se for o caso, de descarte ou doação. A princípio o descarte não é uma preocupação nossa porque a gente não tem massas documentais que merecerão ser descartadas. A gente está com um material de esgrima que é institucional, mas que talvez não faça sentido a gente ter tanta esgrima, a gente já conversou com o grupo de esportistas de esgrima aqui de Belo Horizonte e eles tem a possibilidade de receber. Então a gente vai fazer um termo de doação, depois que a gente organizar tudo e encaminhar provavelmente para eles. Basicamente é isso.

C.M. – Os tridimensionais não entraram nos arranjos, na catalogação?

M.L. – Eles estão descritos, a gente tem um pequeno índice que descreve, mas a gente não inseriu ainda nos fundos institucionais. Provavelmente 2015, pois em 2014 não dá para fazer mais nada!

⁹ Lino Castelanni Filho.

¹⁰ Exposição “À Beira da Quadra - uma homenagem ao Professor Adolfo Guilherme”, realizada pelo CEMEF entre 12 de novembro e 12 de dezembro de 2014.

¹¹ Joélcio Fernandes Pinto.

C.M. – Como a política de acervos foi feita? Em que momento, por quais mãos ela foi feita?

M.L. – Como eu te falei, quando eu fiz o meu pós doutorado sobre os arquivos pessoais de professores, no CPDOC¹², escutei para caramba, participei de um monte de atividades sobre arquivo. Mais ou menos no meio do pós-doutorado, eu escrevi um texto, produto das minhas leituras, dos meus estudos e do que eu já estava desenhando para a pesquisa com o arquivo do Herbert Almeida Dutra, porque eu pesquisei especificamente o arquivo do Herbert. E quando eu mostrei esse texto para a Luciana Heyamnn, que foi minha supervisora, ela teve uma sacada genial, ela falou algo assim: “Meily, seu texto mistura duas coisas que são distintas, o seu investimento de pesquisa nos arquivos pessoais, como um objeto, e a sua preocupação em organizar a política do CEMEF”. Eu embolava essas duas coisas, entendeu? Tinha uma questão que era aqui da gestão do Centro, do estabelecimento da política... Isso exige um investimento de pesquisa também, mas eu estava embolando as duas coisas, [risos]. Mas a Luciana, que é uma pessoa genial, ela foi muito generosa em me ajudar a pensar as duas coisas. Ela começou a me fazer perguntas sobre o CEMEF, e começou a me dar sugestões de como organizar esses enquadramentos, eu fazia algumas perguntas, ela me dava sugestões. A partir disso eu voltei... Eu tenho um grupo de estudos que é um grupo de um projeto que se chama “Modelos pedagógicos e educação do corpo” são meus doutorandos, mestrandos e tal. E tenho outro grupo de pesquisa que é um outro projeto FAPEMIG¹³ que se chama “Arquivos pessoais”. Esse grupo é um grupo mais reduzido, sou eu, Thaís¹⁴, Fernanda¹⁵ e Najela¹⁶. Foi no âmbito desse grupo que a gente desenhou essa política. Do ponto de vista técnico, eu conto muito com a colaboração da Thaís, ela foi me ajudando a balizar algumas coisas que eu queria dizer, mas eu não posso prescindir de um modo de dizer que é técnico, tem a ver com uma linguagem que é do campo da Arquivologia. Ela me ajudou e a gente chegou nessa política aqui.

¹² Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

¹³ Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais.

¹⁴ Thaís Nodare de Oliveira.

¹⁵ Fernanda Cristina dos Santos.

¹⁶ Najela Paula Tavares.

C.M. – Um outro movimento que eu vi foi o dos índices e dos inventários, queria que você falasse um pouco disso. A Thaís me mostrou o índice, ela disse que ainda tem algumas coisas que estão sendo feitas.

M.L. – O que aconteceu? Todo o trabalho físico foi finalizado, todo o trabalho de produção de tabelas que compõem o índice e as descrições das séries, ele foi finalizado. O que está esperando? Está esperando eu ler tudo e ver se está ok, se tem coerência. Mas o que eu gostaria de te dizer... como tem sido difícil jogar nessas posições todas, orientar, dar aula, participar da política da instituição, fazer exposições, fazer seminário e ter o tempo necessário, por exemplo, para fazer a conferência de um índice enorme, como é o que aborda os dois fundos institucionais. Eu preciso sentar, eu preciso ler, eu preciso ver se as séries estão suficientemente descritas. Claro que eu não vou refazer o trabalho de classificação que eles fizeram, mas eu preciso ver se o modo como o enunciado de cada série, de cada subsérie foi feito, contempla. A mesma coisa com o arquivo do Hebert, o arquivo do Hebert está prontinho, está faltando um único texto, que é contar a história do acervo, como ele chegou aqui. Por conta desse pequeno detalhe, depois eu te mostro. O arquivo do Hebert está pronto. A ideia é ter o que a gente chama de fundo um e fundo dois, que é um vício interno de linguagem! São, o fundo Escola de Educação Física de Minas Gerais e o outro fundo Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, esses dois fundos e, para cada professor, a gente vai ter um arquivo, um fundo também.

C.M. – Como que foi essa relação entre as ciências da informação e o CEMEF?

M.L. – No início quem nos ajudou muito foram as bibliotecárias, as bibliotecárias aqui da Escola e algumas pessoas que a gente chamou para nos ajudar lá da biblioteca universitária. Acho que elas contribuíram num primeiro momento, no sentido da gente construir uma identidade para o Centro. Depois gente identificou que a lógica que rege o trabalho da Biblioteconomia talvez não fosse suficiente pela natureza dos acervos que a gente tinha aqui, que são acervos com características de arquivo. Foi quando começamos uma aproximação com a Arquivologia que é muita positiva. Por exemplo, eu e o Adalson publicamos agora na revista do Arquivo Nacional, mandamos trabalhos nossos para os eventos da Arquivologia também. Recentemente teve um evento, um Encontro Nacional de

Arquivos, Adalson queria que eu fosse para lá lançar o livro com ele, eu falei: “Adalson, leva a Thaís, lança você e a Thaís”, eu não estou com tempo, mas a gente tem se ajudado. E na Museologia tem uma professora do curso de Museologia que é a Verona Segantini¹⁷, que foi orientanda da Andrea¹⁸, participou do CEMEF durante o período dela de iniciação científica e mestrado, hoje a Verona é professora, então, por exemplo, essa exposição está aqui por causa da Verona, se não fosse a Verona a gente não tinha como fazer uma exposição, com essa característica. A Verona está fazendo sanduíche¹⁹, ela está em Lisboa e, de lá, ela planejou essa exposição conosco por Skype²⁰, essa troca com a Museologia tem sido bacana também. Podia até ser mais, eu sempre digo para eles quando tem o encontro da Rede de Museus²¹, eu digo, afirmo isso, o CEMEF está aberto para ser um lugar de estágio e formação para os alunos das Ciências da Informação, mas nem sempre eles veem. Hoje, por exemplo, o curso de Arquivologia é muito novo, um aluno de Arquivologia as vezes nem sabe nada de Arquivologia, está no segundo, terceiro período, ele consegue emprego muito facilmente, tem uma demanda para arquivistas no mercado, eles não se interessam em ficar por aqui por uma bolsa de quatrocentos reais. A maioria deles prefere trabalhar com os arquivos correntes do que com os arquivos permanentes, tem isso também, não é que falta de arquivistas aqui, mas os que apareceram foram decisivos para ajudar no trabalho.

C.M. – Quais os projetos de apoio financeiro vocês conseguiram nesse período que você está por aqui?

M.L. – Vou pegar o relatório, acabei de apresentar isso ali agora.²² Olha, não foram poucos, acho que isso é positivo, depois eu posso te passar a tabela. Por exemplo, aquele projeto do edital FINEP²³ que permitiu a construção do Centro, ele é de 2006, e um aporte expressivo de recursos, está vendo [entrevistada aponta para a tabela], duzentos e quarenta e três mil, duzentos e sessenta e nove. Foi o projeto coordenado pela Andrea e pelo Tatá, que possibilitaram o prédio. Depois um outro projeto, o da história oral, pelo Ministério do

¹⁷ Verona Campos Segantini.

¹⁸ Andrea Moreno.

¹⁹ Estágio de doutorado.

²⁰ Software que permite conversa pela internet.

²¹ Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG.

²² Referindo-se à sessão de apresentação de relatório consubstanciado, no processo de progressão para o nível de Professor Associado.

Esporte, na Rede Cedes. Depois nós tivemos uma fase promissora com a FAPEMIG, nós participamos de um edital que se chamava grupos emergentes de pesquisa, e nós conseguimos um recurso. E participamos de um edital que foi destinado à memória do esporte, esses projetos alavancaram. Depois, um segundo de história oral, do Ministério do Esporte também. Até 2011, quando a gente fechou esses relatórios, nós trabalhávamos com projetos coletivos amplos. A partir de 2010, no interior do Centro começou-se um debate de que cada professor deveria ter seus próprios projetos. Em um primeiro momento eu resisti um pouco à isso, eu tenho um espírito mais coletivo, mas eu entendi a importância que os colegas estavam dando à isso e me rendi à essa lógica e comecei a mandar também os meus projetos. O que mudou de lá para cá é o seguinte, os meus projetos continuam alimentando a política e o tratamento documental do Centro, os projetos dos outros colegas muito menos, um tonner aqui, uma passagem ali... Eu acabei ficando com essa responsabilidade. Com a chegada da Cristina agora e avaliando isso com ela, a gente entende que para o próximo ano, nós precisamos mandar projetos nós duas, que são projetos para o Centro, e a gente vai se revesar, porque além desses projetos nossos, a gente precisa fomentar o Centro. Por exemplo, a FAPEMIG tem um edital que se chama Programa Pesquisador Mineiro, é um edital que dá um aporte de recursos para o pesquisador, não posso pagar bolsista, não posso financiar a viagem de ninguém, só posso financiar as minhas coisas, só que quando eu ganhei PPM²⁴, ele permitia publicação, esse livro aqui [aponta para o livro] só saiu por causa do meu PPM, foi muito legal. Nos dois projetos dos modelos pedagógicos, eu tenho ajudado o Centro com algumas rotinas, e aí o meu projeto, que é um projeto FAPEMIG, se chama Arquivo de Professores que tem a ver com meu pós-doutorado. É um projeto que capta recursos para os arquivos, para o CEMEF. Eu posso te passar isso depois.

C.M. – E a Universidade tem apoiado financeiramente? Segundo, se a Universidade tem apoiado valorizando e reconhecendo os trabalhos?

M.L. – Quando a gente construiu o prédio, a UFMG estava com um valor tão inflacionado para o metro quadrado de construção que o dinheiro, aquele dinheiro todo, ele não deu para construir o prédio e a Escola colaborou. Eu não sei te dizer exatamente os valores, o

²³ Financiadora de Estudos e Pesquisas.

²⁴ Programa Pesquisador Mineiro.

Tatá é quem sabe, mas a Escola colaborou para finalizar a obra. No início deste semestre, eu e a Cristina sentamos com o Diretor, falamos desse evento e ele falou que, o que precisasse, a gente podia contar com a Escola, só que a gente não precisou. Eu poderia dizer que a Escola tem um respeito pelo nosso trabalho, mesmo aqueles colegas que não entendem muito bem o que é isso, acham que isso não é Educação Física, aquelas coisas, mas eu acho que tem um respeito pelo nosso trabalho. Quer dizer, hoje dentro dessa Universidade, a gente começou a ser respeitado depois que começamos a captar dinheiro, se a gente não tivesse captado aquela lista que eu te mostrei, eu não sei, entendeu? Mas vamos indo. Na Universidade como um todo, eu acho que a gente tem um reconhecimento grande da Rede de Museus. É tão engraçado, porque a Rede de Museus é um conjunto de pessoas muito diferentes, é um conjunto de lugares muito distintos, com lógicas de funcionamentos distintas, tem tanto aqueles Museus celebrativos que a gente arrepia, tem Museu na Universidade que o documento original do século XIX está exposto na vitrine, umas coisas assim, mas são os nossos parceiros, e eles tem um respeito grande pelo nosso trabalho, porque o nosso Centro tem clareza, sobre como organizar arquivo institucional e eles tomam a gente como referência. A Rede capta um recurso pequeno todo ano, ela capta um recurso e um percentual desse recurso vai para cada um dos membros, pouquinho dinheiro, sete, oito mil reais por ano. O que a gente tem feito nos últimos dois anos? Utilizamos esse dinheiro para remunerar a Thaís, porque a gente não podia ficar sem a Thaís aqui como arquivista. A gente pode dizer que o CEMEF nos últimos três anos, quatro anos, tem uma arquivista agindo, mas não como alguém do quadro institucional, ela estava como bolsita, formou-se e a gente começou a contratá-la como prestadora de serviços, ela está topando trabalhar por esse valor, porque ela está no Mestrado, não é incompatível. Ela está conseguindo conciliar as duas coisas, eu falo que é muita sorte nossa, vamos ver como vai ser, se um dia ela não estiver mais aqui. Temos insistindo com a Unidade que a gente precisa de pessoal do quadro técnico administrativo aqui, não tem sido fácil, a alegação é que está faltando para todo mundo, para todos os setores, é aquele dilema, como nada do institucional deixa de funcionar pelo fato de não ter um servidor aqui, eles nunca consideram isso prioridade, a gente tem que ficar cutucando. Agora, o CEMEF nunca deixa de funcionar porque quem está fazendo o trabalho administrativo são os alunos, os bolsistas de graduação, bolsistas de extensão e bolsistas de iniciação científica. Assim, não é uma situação confortável, eu tinha muito uma expectativa... O que eu vislumbro para o CEMEF? A gente ter uma coordenação geral, eu acho que tem que ser

de docente, com uma coordenação de acervo e uma coordenação de pesquisa. Eu vislumbro que essa coordenação de acervo, seja do pessoal do quadro técnico, ou bibliotecário ou arquivista, alguém do quadro da Universidade que assumisse isso. É claro que a gente vai trabalhar junto, a gente vai discutir, vai traçar metas, traçar políticas, mandar projetos juntos, se formar juntos, mas eu gostaria muito que eu não tivesse que escovar documento, como eu escovo, que eu não tivesse que revisar todos os índices como eu reviso, eu precisaria muito que tivesse alguém para fazer isso. Inclusive essa redução que está na linha de acervos, é isso e nada mais, tem a ver com isso. É possível que se a gente, em outro momento, tendo um número maior de pessoas trabalhando, é possível que a gente volte a ampliar o que o CEMEF poderá recolher. Por exemplo, a gente recolhe arquivos de ex-professores, a gente poderia recolher arquivos de ex-alunos, isso ajudaria a contar a história da formação, mas por enquanto não.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]

C.M. – Eu queria que você falasse um pouco, como é o dia-a-dia de trabalho aqui no CEMEF?

M.L. – Bom, o dia-a-dia de trabalho ele varia com o ritmo de cada semestre, tentando conciliar as nossas atividades, minhas e da Cristina, com as atividades de ensino. No meu caso, também tenho atividades semanais que são na Faculdade de Educação, as reuniões do GEPHE²⁵, as disciplinas. O que a gente faz, a cada semestre, é fazer o levantamento das rotinas de aula dos nossos bolsistas, porque como a gente trabalha muito com os bolsistas, o dia-a-dia do Centro é com os bolsistas. Montamos um quadro de horários tentando que sempre tenha bolsistas que cuidam do acervo, que possam atender os consulentes, sempre tem algum bolsista, eles organizam o quadro de horário deles. A Thaís, como eu te falei, ela está como nossa arquivista, mas ela também faz mestrado, ela também monta o quadro de horário dela e a Luciene²⁶ que é a única pessoa que é funcionária do quadro, ela trabalha de manhã e à tarde, mas ela fica só até quatro e meia, acho que é o horário dela. As rotinas, elas tem a ver com qual acervo cada grupo está trabalhando. Em geral, quando os bolsistas chegam a gente tem uma prática de fazer algumas leituras, alguma preparação, no sentido

²⁵ Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação.

²⁶ Luciene Carvalho, assistente administrativa.

de ter alguma compreensão do que eles vão fazer aqui e eles começam as tarefas e as atividades deles. Mesma coisa com os arquivos pessoais; são grupos diferentes, mas todo mundo tem essa rotina. Em função dos arquivos pessoais serem um objeto de estudo meu, talvez eu tenha uma regularidade maior de reunião com as bolsistas que trabalham comigo. Até o ano passado a gente tinha uma reunião semanal com o Adalson, ele vinha semanalmente e todas as questões das rotinas, questões que tinham acontecido naquela semana, questões que a gente não tinha conseguido resolver sozinhas, o Adalson vinha para colaborar. Depois ficou difícil para o Adalson também, por causa das demandas da ECI²⁷. E agora que ele assumiu a vice-direção da Unidade, muito provável que ele vá espaçar a vinda dele aqui, ele já nos informou, isso do ponto de vista da organização dos acervos. Do ponto de vista do grupo de pesquisa, a gente tem uma reunião toda sexta-feira à tarde, o CEMEF todo se reúne na sexta-feira à tarde. Até 2011, a gente sempre teve essa rotina, todo mundo se reunia na sexta-feira à tarde, para ouvir algum convidado, para alguma atividade de estudo, alguma coisa assim. Em 2012, alguns professores argumentavam que eles precisavam de horários para os grupos de estudo deles, que não dava para ter reunião toda sexta, porque era muito pesado, então a gente começou a intercalar, um dia dos grupos específicos, um dia geral. Aí o que a gente constatou no primeiro semestre de 2013? Só o meu grupo fazia reunião nas sextas-feiras, nessa rotina de intercalar, os outros grupos tinham construído outros horários, o que produziu um esvaziamento muito grande das reuniões. Eu me preocupei muito com isso, mas eu estava saindo para o meu pós-doutorado e achei melhor deixar como estava. Na minha ausência, o Tatá e a Cris, eles tentaram retomar as reuniões quinzenais, mas ainda assim a gente teve alguns problemas, um esvaziamento muito grande. Quando eu voltei agora, eu e a Cristina sentamos e ponderamos que a gente precisava retomar essa unidade do Centro, senão vai chegar uma hora que essa coisa vai espalhar de um jeito que ninguém mais junta, porque as pessoas têm demandas, elas vão começar a se envolver com outras coisas. Foi quando a gente fez essa proposição de quatro tipos diferentes de encontros. E voltamos as reuniões para todas as sextas-feiras: tem uma sexta-feira que se chama “CEMEF estudos”, uma que se chama “CEMEF arquivos”, uma que se chama “Seminário de pesquisa”, uma que se chama “CEMEF convida”. Depois repete. Qual que é a ideia? CEMEF estudos é de formação, pode ser que alguns professores venham e outros não, mas eu e Cris estamos sempre com os alunos, esse semestre nós resolvemos ler textos dos convidados que viriam

²⁷ Escola de Ciência da Informação.

para o seminário do CEMEF, lemos um texto geral sobre história do esporte, depois lemos o Victor²⁸ e Elcio²⁹, está vendo? [Aponta para a programação das reuniões de estudos], a Ângela³⁰ e a Paola³¹, então a gente foi localizando: quem são esses autores? Porque eles foram convidados? O CEMEF arquivos, a gente está dedicando uma vez por mês para dar notícia das coisas relacionadas ao acervo, a gente convidou a Diná³², que é a coordenadora da biblioteca de obras raras da UFMG, no mês seguinte a gente apresentou a política de acervos, no mês seguinte a Luciana Heymann veio para falar de arquivos pessoais e sexta agora eu vou apresentar o arquivo do Herbert no CEMEF arquivo. Os seminários de pesquisa, em geral são para os Doutorandos e os Mestrandos que estão chegando, eles apresentam os projetos deles no momento anterior a reescrita do projeto, geralmente é no primeiro ano e aí, é assim, uma tempestade em cima, “isso não faz sentido, não ficou claro”, o grupo ajuda na reescrita dos projetos. E CEMEF convida é sempre alguém de fora, quem que a gente recebeu? Aí a gente dá uma ajustada, nesse semestre a gente convidou o Edu Galak³³ que estava aqui conosco, para apresentar os resultados do pós-doutorado dele e a Andrea para apresentar os resultados do pós-doutorado dela. Como o meu pós-doutorado tem a ver com arquivo, o meu acabou indo para arquivos. E a gente estava com uma previsão de receber a Ângela de Castro Gomes para discutir com a gente o período entre as ditaduras, mas provavelmente vamos suspender essa atividade em função do cansaço, é possível que isso aqui fique para o ano que vem. Mas isso retomou o público. Então, assim, não é dizer que de novo está cem por cento, mas tem um combinado que é o seguinte, bolsistas tem que estar, eu e a Cristina estaremos sempre, os outros professores justificaram algumas atividades sim outros não, eu e a Cristina sempre. Nós temos mais ou menos dez bolsistas, juntando ensino, pesquisa e extensão, uma reunião de doze pessoas é uma reunião de doze pessoas, mas o pessoal tem vindo, tem sido bem legal. A intenção talvez seja manter. Vamos escolher apenas uma sexta para ser reunião dos grupos de pesquisa. Bom, acho que as nossas rotinas são essas, sexta-feira a tarde é o único dia que o CEMEF informa que não atende para os interessados em consultar, é um dia que está todo mundo em reunião.

²⁸ Victor Andrade de Melo.

²⁹ Elcio Cornelsen.

³⁰ Angela Ainsenstein.

³¹ Paola Dagliotti Moro.

³² Diná Marques Pereira Araújo.

C.M. – Como vocês escolhem os bolsistas?

M.L. – Por edital, a gente estabelece um edital, divulga, por exemplo, quando é para o pessoal da Educação Física a gente divulga aqui, quando é para História, ou para Ciências da Informação, a gente divulga o edital, faz um boca a boca, os próprios bolsistas chamam colegas deles, aí aparece uma menina e a gente seleciona.

C.M. – E tem aparecido gente só da Educação Física ou dos outros?

M.L. – Mais da Educação Física, no último edital eu selecionei e a Cristina também, eu acho que foi a bolsa que hoje é da Najela, apareceram acho que cinco pessoas.

C.M. – Vocês tem conseguido fazer relação entre as atividades de ensino de vocês e as atividades do CEMEF?

M.L. – Posso falar por mim... Eu tenho, porque eu trabalho com a disciplina de História da Educação Física. Tem um momento do início do curso, tem uma aula que é uma aula de apresentação do CEMEF. Depois tem outra aula que é uma aula de fontes, a gente faz uma pequena exposição e a gente trabalha os diferentes tipos de fontes. Depois, no desenvolver do curso, eles organizam seminários sobre métodos ginásticos, e a gente orienta que eles venham pesquisar no acervo do Centro, para não ficar reféns da internet. Então eles vêm, pesquisam, sentam, porque aqui ficam as mesinhas, ali onde tem a exposição [aponta para um espaço fora da sala] temos mesas e uma mesa grande que está dentro da sala da Cristina. Essas mesas são dali, ali é uma área de estudo e trabalho. E no dia da reunião geral a gente encosta as mesas e faz um semicírculo, e projeta na parede, faz a reunião geral aqui. É que esse mês está tudo em suspenso porque o espaço está sendo ocupado pela exposição.

C.M. – Atividades de extensão, como vocês tem pensado o seminário, se vocês têm outros eventos? E as exposições?

³³ Eduardo Galak.

M.L. – O Seminário do CEMEF está na agenda, a gente sabe que, a cada dois anos, no finalzinho do ano anterior a gente começa a pensar, esse começou a ser pensado no finalzinho de 2013. Tem valido a pena, é possível que a gente faça alguns ajustes no formato, eu andei conversando especialmente com o Tabora³⁴ esses dias, e uma constatação que a gente teve é que os nossos alunos estão participando muito pouco no evento, porque eles ficam na infraestrutura e na logística. Tem alguma coisa errada, a gente não pode ter um Centro que agrega tantos alunos em início de formação acadêmica e de pesquisa e no dia do evento eles não conseguem participar. Eu estou pensando em propor uma mudança nesse formato, não é deixar de receber as pessoas, mas pensar um evento onde as prioridades sejam os temas de estudo do CEMEF. Não sei, posso ser voto vencido também! Além dos Seminários, a gente tem tido uma regularidade de dois projetos de extensão, isso começou em um projeto focado nas fotografias que era coordenado pela Andrea e eu na sub-coordenação, depois com a chegada do Adalson, um projeto sobre arquivo, ele era coordenador, eu era sub. Depois a Andrea levou o projeto dela para a Faculdade de Educação, então nós recriamos um outro aqui, o Adalson ficou coordenando um, e eu coordenando outro, a gente tem dois projetos regulares, acontecendo aqui desde 2010 que são os projetos que geram as bolsas de extensão. Todo ano a gente tem que reapresentar, fazer avaliação, mas eles tem uma característica especial que são projetos ligados à Rede de Museus, como se fosse uma espécie de cota, ou era, parece que essa ano ia mudar, não sei muito bem, em geral três bolsistas de extensão.

C.M. – E as exposições? Vocês têm feito regularmente? Essa foi uma atividade especial?

M.L. – Em 2011 a gente fez uma exposição por ocasião da inauguração, era uma exposição que tinha a cara assim: “estamos inaugurando o centro”. Não tinha uma tema, a gente quis mostrar o acervo, era exposição de inauguração, isso foi 2011. Em 2012, o tema do seminário foi sobre “A Invenção do Homo Gymnasticus”, a exposição foi com esse mesmo tema. Esse ano, a gente escolheu “À beira da quadra” em função de ser uma homenagem a um professor que trabalhou com uma modalidade esportiva, o Voleibol, aqui na Escola. Também conversamos e ponderamos que é possível que a gente deva desvencilhar no tempo, o evento e a exposição, porque está sobrecarregando, e o pessoal que vem de fora não percebe... porque, você por exemplo, você vê o CEMEF numa artificialidade,

³⁴ Marcus Aurélio Tabora de Oliveira.

Gustavo³⁵ lá de Rio Grande que conheceu o CEMEF esses dias, também numa artificialidade. O legal é que durante o evento, o CEMEF esteja na sua rotina e aqui até seja um lugar para alguma atividade do evento. A ideia talvez seja desvincular as duas coisas, mas manter a exposição na rotina. Nas três exposições a gente contou com a colaboração da Verona, que é uma professora do curso de Museologia, talvez ela tivesse aqui, talvez fosse legal você conversar com ela também, porque é alguém que te daria uma opinião sobre o CEMEF do ponto de vista das reflexões sobre Museu, sobre expografia, inclusive se você quiser eu passo o email dela, você pode conversar com ela por Skype, ela pode topa conversar com você ou até você mandar algumas questões, para ela descrever. Acho que no CEMEF a expectativa é continuar contando com ela. Mas a gente também quer parar de operar num amadorismo, ela nos socorre no nosso amadorismo. Acho que a gente tem que começar a fazer um projeto, captar recursos para a exposição, como a gente faz para os eventos.

C.M. – Como têm sido encaminhadas as pesquisas? Todo mundo que entra se envolve em pesquisa ou tem pessoas que vão ficar só para as atividades de extensão, outros só para pesquisa?

M.L. – A intenção é que todo mundo se envolvesse, o propósito é esse, nós temos muitas pessoas que estão na pesquisa agora que chegaram aqui pela extensão, outros chegaram com a extensão e tem uma resistência muito grande de se envolver com as pesquisas, mas eles precisam participar das reuniões das sextas-feiras, mas isso é mais exceção do que a regra, em geral eles vem para a extensão e se envolvem na pesquisa. Por exemplo, Cássia³⁶ foi bolsista de extensão, Ana Luísa³⁷ foi bolsista de extensão, Gisele³⁸ é um caso que veio da extensão e ficou na extensão, parece que a pesquisa não é muito a praia, deixa eu ver mais quem, acho que os dois exemplo principais são a Cássia, e a Ana Luísa, começaram como bolsista de extensão, e depois se envolveram, já seguiram nas suas formações.

C.M. – E o contrário, pessoas que chegam aqui pela pesquisa e se envolvem com as atividades de organização de acervos, exposição, tem também?

³⁵ Gustavo Freitas.

³⁶ Cássia Danielle Monteiro Dias Lima.

³⁷ Nome sujeito a confirmação.

³⁸ Gisele Oliveira de Almeida.

M.L. – Varia muito de orientador, eu prefiro falar por mim, eu coloco isso como uma condição, peço aos meus orientandos todos, da iniciação científica ao doutorado, que deem uma contribuição, uma colaboração para o Centro, que seja uma colaboração que não comprometa suas atividades acadêmicas. Você viu o Sérgio³⁹ trabalhando aí, mas você não viu, por exemplo, a Giovanna⁴⁰, porque ela não consegue nem chegar ao CEMEF, porque as demandas de trabalho dela são muito grandes, então vai variar, mas quem tem a possibilidade... Najela, que é bolsista de iniciação científica estava envolvida no evento até o pescoço, na medida do possível. O que aconteceu também, que talvez seja uma particularidade dos meus orientandos, é que muitos deles constituíram seus objetos de pesquisa a partir dos arquivos, eles têm muito o que colaborar, porque sabem localizar, sabem dizer das coisas, isso também acaba fazendo com que essa presença aconteça, agora mais da iniciação científica, os mestrandos e doutorandos em função de muitos deles estarem trabalhando, não se envolvem tanto. O Guilherme⁴¹ foi um orientando meu que era bolsista, tinha bolsa de mestrado, Guilherme continuou, colaborando muito aqui, mesmo na época do mestrado. Gabriela⁴² foi bolsista do projeto história oral, Gabriela contribuiu muito no CEMEF também, então isso também varia. Agora, antes dos acervos estarem todo nos lugares onde estão, a gente passou por momentos de caos aqui. Foi um momento de descer as coisas de lá para cá, aqui tinha sido dedetizado, não podia descer nada sujo, tinha que fazer controle de pragas. Nesses momentos a gente fez mutirões e nos mutirões era assim todo mundo, inclusive os professores. Mas não posso dizer que isso era rotina, teve momentos de exceção, mas que foram decisivos, a gente tem umas fotos dos momentos de mutirão.

C.M. – Em relação a você e seus orientandos e alunos, quais as temáticas mais comuns das pesquisas?

M.L. – Eu cheguei a comentar com você sobre aquele movimento coletivo até 2010, e depois de 2010 nossos projetos estão mais focados nos diferentes grupos. Em função das coisas que eu estava estudando aqui, meu primeiro projeto, com meu primeiro grupo de

³⁹ Sérgio Chaves Júnior.

⁴⁰ Giovanna Camila da Silva.

⁴¹ Guilherme de Souza Lima Oliveira.

⁴² Gabriela Villela Arantes.

orientandos, ele aconteceu em um momento que foi o seguinte: a Cássia estava estudando as Jornadas Internacionais, a Gabriela estava estudando a Educação Física do Colégio Estadual Central, eu estava muito interessada em estudar um documento de 1947, que era um pedindo de criação de uma Escola de educação Física para Minas Gerais e a Fernanda estava estudando o Curso de Biomecânica dos alemães. O que eu fiz? Eu construí um projeto que era uma espécie de interseção e eu denominei “Modelos pedagógicos, Educação Física e formação de professores na década de 40 a 60, e, Belo Horizonte”. A gente fechou o ciclo desse projeto, só que no processo de desenvolvimento dele, outras pessoas foram chegando para o grupo, pessoas que chegavam por exemplo, o Sérgio que chegou como doutorando, outro chegou como iniciação científica, pessoas interessadas em tentar mestrado, tentar doutorado, eu recebo no meu grupo. Mas deixo muito claro, o fato deles começarem a participar da rotina do grupo em momento algum é uma espécie *greencard* de que eles passarão, deixo isso muito claro no início. Uma coisa é o envolvimento numa atividade investigativa, outra coisa é o processo de seleção que é da FAE, e a gente não pode prever quem vai aparecer para concorrer, tenho dito isso, é algo muito transparente, todos meus orientandos sabem. Eu também não leio o projeto de quem vai concorrer a uma vaga comigo, porque sou eu quem vai avaliar. Eles têm uma rede entre eles. Por exemplo, esse ano tentaram a Fernanda Santos, a Ana Paula Gontijo. Os colegas ajudaram, o da Fernanda teve um fôlego maior e já está aprovada na última etapa, muito provavelmente Fernanda vai passar. Aí aquele primeiro projeto dos Modelos foi concluído e, para abrigar um número maior de pessoas eu alarguei a temática: “Modelos pedagógicos e educação do corpo no século 20”. Além do alargamento da temática, colocamos educação do corpo, porque a gente discute o escolar e o não escolar. No grupo hoje a gente tem: Sérgio, Giovanna, Luciana⁴³ que são os doutorandos, a Priscilla⁴⁴, que é do grupo do Taborda, mas em função do tema ela participa do que a gente chama carinhosamente de “projetos modelos”. São os quatro doutorandos, tem a Cássia que terminou o Mestrado e está conosco, ela está desenhando um outro estudo sobre o catolicismo e a Educação Física, a Lili⁴⁵ que estudou a Inspeção de Higiene, e retornou também ao grupo. A Gabriela deu uma sumida, ela está no grupo, mas ela sumiu, porque ela assumiu dois empregos esse ano e ficou incompatível, dos ex-alunos são esses. Aí tem a Fernanda, a Najela, a Ana Paula e a Jaqueline Fidelis, as duas últimas não tem uma história inicial com

⁴³ Luciana Bicalho da Cunha.

⁴⁴ Priscilla Kelly Figueiredo.

o CEMEF, mas estão tentando se organizar para o mestrado, elas estão no grupo também, acho que é isso. Esse semestre excepcionalmente, todo mundo do grupo está fazendo a minha disciplina da pós e mais dois alunos, a Anna Luiza⁴⁶ e o Pedro⁴⁷, orientados da Andrea. Até para a gente suavizar a intensidade das coisas que a gente faz, a gente combinou que esse semestre os estudos da disciplina funcionariam como o nosso grupo de estudos, de fato está funcionando muito bem, como somos nós, a disciplina somos nós e a Anna e o Pedro, que são de fora, mas são de dentro, é quase uma reunião semanal de orientação, porque a gente lê uma temática, e fala “oh fulana estava lendo isso aqui e tem a ver com seu trabalho”, e os colegas também trazem fontes uns para os outros, isso tem sido bem legal.

C.M. – Em relação ao aporte teórico, quais autores e quais referenciais vocês tem trabalhado?

M.L. – Depende dos objetos, eu como orientadora eu penso que não posso impor um aporte teórico no sentido das pessoas se ajustarem a ele, porque às vezes não é a melhor ferramenta para ler uma determinada problemática, isso tem variado muito. Agora não é uma variação assim *laissez faire*... Pelas tradições de pesquisa, pelas coisas que a gente tem feito, pelo próprio percurso de formação da própria linha da História da Educação, a gente trabalha muito com a história cultural francesa, especialmente naquilo que ela nos ajuda a pensar sobre os processo de circulação e apropriação cultural, acho que são ferramentas necessárias e importantes para se pensar a Educação Física, e a gente tem se valido delas. Nessa perspectiva também, algumas questões anunciadas pelo Michael de Certeau, Chartier⁴⁸, Gruzinski⁴⁹, são alguns autores franceses que estão colaborando conosco para pensar mediações culturais, processo de apropriação, refinar a própria ideia de circulação, distinguindo circulação de circularidade, então isso a gente tem trabalhado a partir dessas referências. Todavia, tem momentos e tem temáticas onde a gente vê que, mais do que a negociação de um elemento da cultura, o que se coloca para a Educação Física, para o Esporte ou para a higiene é a própria lógica de organização da vida social, nessa

⁴⁵ Liliane Tibúrcio de Oliveira.

⁴⁶ Anna Luiza Ferreira Romão.

⁴⁷ Pedro Luiz da Costa Cabral.

⁴⁸ Roger Chartier.

⁴⁹ Serge Gruzinski.

perspectiva a gente tem buscado com uma certa regularidade o Thompson⁵⁰, não como um autor incompatível com esses autores da história cultural, mas mobilizado como alguém que faz, vamos dizer assim, uma história social da cultura, a gente tem trabalhado também. Outro aporte metodológico que tem sido uma ferramenta importante quando o objeto toma uma conotação muito micro e a gente precisa entender aquele micro, como expressão de um macro, são os aportes da micro-história, então a gente tem trabalhado com a perspectiva de pensar o objeto no que o Revel⁵¹ chama de um jogo de escalas, então a micro-história também frequenta as nossas conversas. Eu diria que são basicamente esses, além de alguns autores brasileiros, que são importantes referências na História da Educação. Em História da Educação talvez a gente trabalhe mais com os brasileiros do que com os estrangeiros. No âmbito dos estudos sobre história da Educação Física propriamente dita, por exemplo, Taborda, Tatá, a minha própria produção, que os alunos revisitam para desenhar os objetos, além desses, eu poderia dizer que a produção da Carminha, Carmen Lúcia Soares, ela é muito mobilizada, em função das questões da Educação Física escolar. E minhas duas orientandas, que trabalharam com higiene, que foram a Daniela e a Liliane, elas mobilizaram um outro tipo de aporte, que é o pessoal que estuda Educação e Higiene, Heloísa Rocha⁵², Gondra⁵³, estudiosos da Higiene e da Eugenia no Brasil, Nancy Stepan⁵⁴, sabe? É mais ou menos por aí. Inclusive na disciplina desse semestre a gente fez um exercício muito interessante, no início da disciplina, antes de começar a visitar cada momento, a gente fez um exercício que foi rico, foi o exercício da crítica historiográfica, para compreender que condições aquele autor tinha para escrever a história naquele momento, isso é muito legal, porque ajuda o pesquisador a ficar vigilante com o tipo de história que ele está escrevendo hoje, é isso eu acho.

C.M. – Em relação as fontes, vocês têm utilizados fontes orais além das documentais?

M.L. – Sim, a gente tem trabalhado com a documentação do CEMEF, quando os objetos permitem. Quando não, no interior dos projetos, por exemplo, Luciana já foi a São Paulo esse ano atrás das fontes dela com recursos do nosso projeto, Sérgio já foi, Giovanna vai

⁵⁰ Edward Palmer Thompson.

⁵¹ Jacques Revel.

⁵² Heloísa Helena Pimenta Rocha.

⁵³ José Gonçalves Gondra.

⁵⁴ Nancy Leys Stepan.

pro Uruguai provavelmente, Cássia vai ao Espírito Santo pesquisar nas revistas do PROTEORIA⁵⁵, a gente tem feito esses voos. A gente tem também aqui o Arquivo Público Mineiro, não sei se você teve oportunidade de ir lá.

C.M. – Não, estava fechado.

M.L. – O Arquivo Público Mineiro tem a documentação da Secretaria do Interior, que inclui as diretorias de higiene, de educação, muito interessante. Então, o pessoal pesquisa lá quando o objeto exige, a cidade tem uma hemeroteca, os acervos da Coleção Linhares. Esse Linhares⁵⁶ foi um colecionador de revistas e jornais, depois essa grande coleção dele foi doada para a biblioteca e está sendo toda digitalizada lá também, é um material bacana. Claro que, por princípio, a gente vai sempre estimular um cruzamento de fontes. Em relação às entrevistas, num primeiro momento Gabriela fez entrevistas, operou com a história oral, a Cássia também. Sérgio está fazendo muitas entrevistas também, alguns de meus orientandos tem usado esse recurso. Num primeiro momento, isso foi interessante para pensar a pesquisa e o Centro. Em um primeiro momento a ideia era pegar todas essas entrevistas e elas alimentarem a Coleção História Oral do CEMEF, era essa ideia. Nas minhas discussões no CPDOC eles me desaconselharam radicalmente a fazer isso, a sugestão deles é que fique na Coleção História Oral, aquelas entrevistas que foram pensadas dentro de um projeto que gira em torno da oralidade, como foi o nosso “Eu vou te contar uma história”. Então a gente está revendo, porque são entrevistas de natureza diferentes. Nessa perspectiva a gente tomou a decisão de que a gente vai re-incrementar os projetos de história oral do CEMEF, para continuar fazendo história oral, no sentido amplo, mais alargado do termo, mas que essas entrevistas específicas de cada estudo, que cada pesquisador guarde como parte do conjunto de fontes que ele levantou. Porque elas são muito específicas, o tempo da troca de informação ele está muito direcionado. A expectativa é que a nossa produção para a Coleção História Oral seja composta de entrevistas que tenham uma perspectiva mais alargada e que tenham sido pensadas nessa perspectiva. Luciana Heymann esteve aqui, insistimos e discutimos isso com ela, e muito provavelmente semestre que vem a gente vai tentar trazer a Verena⁵⁷ para ela nos ajudar. O Tatá, antes do anúncio de segunda-feira de que ele vai ser pró-reitor, o Tatá estava com

⁵⁵ Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física.

⁵⁶ Joaquim Nabuco Linhares.

uma proposta de que a gente fizesse longas entrevistas com os ex-professores da Escola, a gente estava muito animado com isso! Eu e a Cristina não conversamos ainda se é isso que a gente vai fazer, é possível que a gente retome o projeto história oral fazendo essas longas entrevistas com os ex-professores da escola. Convidando-os a dizer sobre temas bastante alargados, sobre sua trajetória de vida, formação, relação com o esporte, relação com o lazer, atuação na universidade, então a ideia é retomar nessa perspectiva.

C.M. – Quais os meios de divulgação científica vocês tem utilizado, tanto revistas, quanto eventos? Por onde vocês têm circulado mais?

M.L. – Olha, de fato a gente circula mais nos eventos da História da Educação, do que nos eventos da Educação Física, isso realmente acho que é um fato, posso dizer isso por mim e pelos outros professores, talvez a Cris tenha um perfil diferente, ela circula mais na Educação Física e no lazer, mas eu, Andrea, Tatá e Taborda mais na Educação. Inclusive assim, essa coisa da visibilidade internacional, eu tenho ido com uma certa regularidade ao ISCHE⁵⁸, ao COLUBE⁵⁹, esses eventos internacionais da História da Educação, e é lá que a gente tem estabelecido algumas parcerias de trabalho para repensar as coisas que a gente tem feito aqui.

C.M. – Como você define o CEMEF?

M.L. – Como centro de pesquisa e documentação, eu acho que o CEMEF é as duas coisas, nós temos centros de memória aqui na UFMG que são pequenos museus, é um memorial da escola, não é característica do nosso. Nosso centro de memória tem características de um centro de documentação, pensando o documento como arquivo, biblioteca e museu, acho que a gente é um centro de documentação e é, ao mesmo tempo, um centro de pesquisa.

C.M. – Qual o papel do CEMEF na sua trajetória?

⁵⁷ Verena Alberti.

⁵⁸ International Standing Conference for the History of Education.

⁵⁹ Congresso Luso Brasileiro de História da Educação.

M.L. – Não posso dizer da minha trajetória toda, pois eu tenho uma trajetória profissional na Educação Física fortemente marcada pela Educação Física escolar e pelos estudos relacionados às Políticas Públicas. No âmbito da comunidade da Educação Física, por exemplo, algumas pessoas me identificam ainda hoje em função do meu percurso no estudo de Políticas Públicas, mesmo no final do meu doutorado e com a mudança de objeto de pesquisa... Ontem me fizeram essa pergunta na banca de avaliação⁶⁰, me perguntaram qual foi o marco e eu acho que foi o meu doutorado que promoveu esse deslocamento teórico conceitual. Eu deixei de trabalhar com as teorias do estado, com a conceituação da ciência política e comecei a operar com a teoria da história, com os aportes metodológicos da história, eu acho que o marco foi o meu doutorado. Como depois do meu doutorado, eu entrei no CEMEF e fiquei, eu posso dizer que o CEMEF é um lugar decisivo, é o meu lugar acadêmico, depois do meu doutorado. Antes era o PROEF que é o Centro de Estudos da Educação Física Escolar. Eu vejo que o CEMEF é hoje o lugar, como espaço apropriado, onde faz todo o sentido eu continuar fazendo o que eu faço, tanto no que diz respeito à pesquisa, quanto ao que diz respeito a organização dos acervos.

C.M. – Meily, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

M.L. – Assim, acho que tem uma coisa que é muito importante que foi um aprendizado pessoal, nesse ciclo aí que é um ciclo de oito anos, 2007-2014. Em uma primeira fase eu ficava muito desesperada, preocupada com a lentidão do processo de organização dos acervos. Viver isso, viver contradições nisso me ensinou uma coisa: é um trabalho lento mesmo. Eu acho que o Centro, ele tem que criar condições de deixar os acervos guardados, esperando pacientemente o momento que a gente vá conseguir chegar neles e que eu não posso me afobar, as coisas tem que ser feitas no ritmo que é da ordem do possível, não é da ordem do necessário, urgente. Não é um trabalho fácil, eu achei legal registrar isso. Depois que eu compreendi isso, ficou mais fácil esperar pacientemente que cada inventário se conclua, esperar pacientemente que cada tarefa semanal que foi estabelecida se conclua, consigo hoje ter mais clareza quando eu preciso dizer: “olha, não esquece, está combinado para data tal e não vai poder passar”. Antes eu ficava sofrendo com essa lentidão do processo e não surtia muito resultado, acho que foi um aprendizado. E eu aprendi isso

⁶⁰ No dia anterior Meily apresentou seu memorial para uma banca da EEEFTO, para progressão ao nível de Professora Associada..

visitando outros acervos, qualquer lugar que tenha acervo, vai ter gente escovando um documento para o resto da vida, não vai chegar o momento em que paramos de escovar ossos como diz o poeta, isso vai estar sempre acontecendo no Centro, isso é importante.

[INTERRUPÇÃO da GRAVAÇÃO]

M.L. – Acho que uma outra coisa importante é que, quando a gente ousou se interrogar sobre o que guardar, como guardar, a Silvana⁶¹ esteve aqui conosco num desses eventos, na época que o Seminário do CEMEF era muito pequenininho e a Silvana nos ajudou demais, nos provocando a pensar que a gente não poderia guardar tudo. Eu lembro que ela tinha um exemplo que ela dava que era da canoa, esse exemplo da canoa era um alerta para a gente, ela nos ajudou muito a pensar, partilhando conosco toda a metodologia construída, para o Garimpando Memórias, que a gente adaptou e utilizou algumas coisas para o nosso projeto “Eu vou te contar uma história...”. Acho que isso é uma coisa importante que precisa ser marcada, registrada. A realização do CEME⁶² como uma coisa possível nos dava um horizonte para pensar que talvez fosse possível a gente organizar um aqui também. No desenvolver eu acho que a gente acabou tomando características diferentes, até pela natureza dos projetos, dos arquivos, dos acervos que a gente guarda, mas eu acho que é importante, era um modelo, a gente não tinha outro modelo, era aquilo que a gente via como algo que aconteceu e que a gente poderia tentar fazer similar. Acho que o CEME cumpriu um pouco esse papel para o CEMEF. Por que, por exemplo, o GEPHE, que é o Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, ele é um modelo para a gente para pensar o CEMEF como grupo de pesquisa, muito do jeito da gente ser como grupo de pesquisa, tem inspiração na tradição de pesquisa do GEPHE, mas como centro de documentação eu acho que a gente se espelhava no CEME.

C.M. – Bom, muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁶¹ Silvana Vilodre Goellner.

⁶² Centro de Memória do Esporte.